



A presença de mulheres negras em podcasts brasileiros

Jornal da Universidade / 16 de novembro de 2023 / Artigo

Artigo | Valesca Silva de Deus, mestranda em Comunicação, apresenta a pesquisa que desenvolve para entender o quando a produção em mídia sonora está atravessada por questões étnico-raciais e de gênero

*Por: Valesca Silva de Deus

*Ilustração: Maria Eduarda Pacheco Fernandes, equipe de ilustradores do PEHPA (Programa de Extensão Histórias e Práticas Artísticas, DAV-IA/UFRGS)

Enquanto jornalista e mestranda em Comunicação, busquei analisar as trajetórias de personagens que, a partir de ferramentas da mídia sonora, promovem condições de reflexões e mudanças com o poder das vozes. A pesquisa tem relevância no cenário contemporâneo, pois explora os contextos da mídia sonora e do streaming na produção de podcast. Entendo que a investigação poderá contribuir com os processos de evidência para as vozes negras que já existem e que anseiam pela necessidade de expressão e desabafo.

A pesquisa sobre mídia sonora que trata de produtos midiáticos ao longo da história, nos últimos anos, abrange, de maneira crescente, considerações sobre o podcast. No entanto, as produções de mulheres negras, na perspectiva da produção nesse formato, ainda são recentes no campo da comunicação no Brasil. O estado da arte que selecionou 115 trabalhos, entre 2017 e 2022, nos principais programas e eventos de comunicação do país, localizou apenas três nomes que abordassem as relações de mulheres negras em podcasts brasileiros.

Como mulher negra, jornalista, mestranda em Comunicação, estudo essa temática na tentativa de apoiar os estudos de mulheres negras na Comunicação brasileira. A pesquisa tem relevância no cenário contemporâneo, pois explora os contextos da mídia sonora e streaming, através da produção de podcast. Entendo que o projeto poderá cooperar com os processos de evidência para as vozes negras que já existem e que anseiam pela necessidade de expressão e desabafo.

As investigações apresentam um compilado de fatores que definem que ações racistas consolidam a apagamento de mulheres negras em mídias de massa. Como justificam Sales e Nunes: “Esse lugar de invisibilidade, coisificação, objetificação e desvalor dado às mulheres negras socialmente não é uma condição natural, mas, sim, uma tessitura colonial, europeia e racializada”. As investigadoras condicionam a presença dessas mulheres na “mídia feminista negra”, delimitando um espaço dentro desses espaços, mas separado da hegemonia.

A investigação considera articular fragmentos de mulheres negras entre a comunicação e a mídia sonora no Brasil. A imprensa negra, que tem papel fundamental na abordagem de temáticas raciais, vai marcar a atuação de nomes relevantes da história, como o de Sueli Carneiro, somada às forças de Mulheres de Movimentos de Favelas (MF) e do Movimento Negro (MN). Esses espaços foram importantes para levantar os principais nomes de lideranças de grupos e projetos de comunicação, como a formação do coletivo Nzinga Informativo, caderno Geledés, Blogueiras Negras produzidos nos séculos XX e XXI.

Considerando uma proposta teórica com estratégias metodológicas, identificamos cinco mulheres negras, com suas devidas trajetórias, dialogando sobre perspectivas de vivências individuais e considerando as diferenças de norte a sul do Brasil. Dez questões sobre relações com a comunicação, desafios e conquistas através da produção dos podcasts em que atuam são alguns dos instrumentos para análise dessas trajetórias. Essas mulheres negras são as apresentadoras dos podcasts Na Beira do Rio (Norte), Nossa Gente (Nordeste), Boca de Siri (Centro-Oeste), Coletivo Siriricas (Sudeste) e A Cor da Voz (Sul).

O problema de pesquisa gira em torno exatamente das questões das mulheres negras em relação à produção de podcasts. Ainda sem uma definição dessas questões, teoricamente identificamos semelhanças na abordagem de mulheres negras nos livros escritos por Lélia Gonzales, Conceição Evaristo, Vilma Piedade, bell hooks, Laura Guimarães Corrêa e Sueli Carneiro, utilizados na pesquisa. Entre as especificidades dessas mulheres, Vilma Piedade propõe a “dororidade” para falar das violências que sofre a mulher negra – um termo que aproxima o grupo pelas vivências refletidas pelo racismo.

O racismo é, inclusive, uma marca presente na estrutura de definições sociais impostas na sociedade para a comunidade racial negra, especificamente as mulheres negras. Como diz Laura Guimarães Corrêa, “o racismo nos mata fisicamente, mas, também, simbolicamente”. As especificidades teóricas relacionadas nos textos são: escravidão, racismo, preconceito, dororidade, democracia racial e privilégio de ser branco.

Os efeitos do preconceito racial serão, portanto, reflexos percebidos pelas pessoas que correspondem ao grupo da raça negra e praticados de acordo com sistemas hierárquicos estruturais. “O racismo é uma desordem sistêmica que atinge a vida de todos, sobretudo a das pessoas de cor, em algum momento”, afirma bell hooks.

Na mídia sonora, as mulheres também tiveram um papel relevante, sobretudo as mulheres brancas. A relação entre as mulheres e o rádio, por exemplo, não tem sido explorada a partir do viés da recepção. As programações das emissoras de rádio eram pensadas para as donas de casa, as mulheres que ficavam cuidando do lar, enquanto os homens trabalhavam fora. Lélia Gonzales diz que “as rádios novelas inicialmente eram dirigidas para audiência feminina logo se estendendo a toda a família”.

Quando se pensa em rádio, deve-se também diferenciar as rádios comerciais das rádios livres e comunitárias. Em 1987, na Itália, por exemplo, eram emissoras de rádios populares que abordavam pautas sociais que incluíam demandas de mulheres. Na atualidade, o podcast é uma ferramenta que permite que qualquer indivíduo possa produzir seu conteúdo. Para Yasmin Lisboa Winter e Luana Viana, mais mulheres ocuparam a “podosfera”, resultando na apropriação de espaço e liberdade de abordagem temática. Para elas, o podcast é um programa democrático provocado pela era da convergência na internet.

O desafio atual da dissertação, portanto, é articular os eixos teóricos com os resultados da parte empírica para observar se essas trajetórias se apropriam da produção de podcasts como estratégias de visibilidade na mídia sonora. O trabalho, ainda, busca compreender os conteúdos de cinco episódios dos cinco podcasts que abordam a temática ou questões sobre as mulheres negras, considerando as diferenças regionais. A partir desses encontros, tento descobrir as características que são definidas na produção de podcasts no Brasil, a partir de vozes femininas negras.

Valesca Silva de Deus é jornalista e mestranda no PPG em Comunicação.

“As manifestações expressas neste veículo não representam obrigatoriamente o posicionamento da UFRGS como um todo.”

CHAMADA ARTIGOS
O Jornal da Universidade está com chamada aberta para artigos escritos por pesquisadores, mestrandos e doutorandos. Clique e saiba como participar.

Posts relacionados

- Violência política de gênero em tempo de neoconservadorismo
- Artel, uma sociedade feminista de tradutoras russas
- Ana Raquel e Aristóteles, dez anos de relação com a UFRGS
- Carta aos leitores | 16.11.23

INSTAGRAM: @jornaldauniversidadeufrgs
REALIZAÇÃO: UFRGS SECOM
CONTATO: 90040-060 | 51 3308.3368 | jornal@ufrgs.br

View on Instagram